

# O retorno do pensamento mágico ao debate público\*

STEFANO G. AZZARÀ\*\*

## 1. O Relatório Censis e o “pensamento mágico”

O Relatório Censis 2021, amplamente comentado pelos principais órgãos de imprensa nacionais, apresentou uma série de dados inegavelmente alarmantes sobre o estado das formas de consciência na Itália:

Vacinas eficazes disponíveis rapidamente, subsídios estatais e abastecimentos para todos, uma recuperação econômica robusta e um plano de retomada substancial financiado pela União Europeia: são notícias que, após o tremendo medo de 2020, devem trazer um suspiro de alívio e orgulhosa alegria perante a estabilidade socioeconômica do país. Trata-se de uma vitória da razão, da faculdade humana de resolver racionalmente os problemas. No entanto, à medida que a pressão da emergência diminui, ouvem-se não apenas suspiros de alívio ou ecos de exultação, mas também resmungos, queixas, acusações, ressentimentos.

A racionalidade dá lugar em muitos casos a uma vontade irracional de acreditar nas fantasias mais improváveis, hipóteses surreais e teorias infundadas, em uma onda de irracionalidade que vem das profundezas da sociedade: 31,4% dos italianos hoje dizem estar convencidos de que a vacina é uma droga experimental e que, portanto, os que se vacinam são cobaias; 10,9% argumentam que a vacina é inútil e ineficaz;

---

\* Este ensaio reelabora e amplia consideravelmente os temas de uma intervenção publicada na revista *MicroMega+* em 29 de outubro de 2021. O original italiano traz o subtítulo “Entre o neopositivismo cientificista e o irracionalismo romântico”. Tradução de João Quartim de Moraes.

\*\* Professor Associado da Universidade de Urbino (Itália). E-mail: giuseppe.azzara@uniurb.it

para 5,9% (ou seja, cerca de 3 milhões de pessoas) Covid-19 simplesmente não existe; 12,7% tiram a conclusão dos eventos do período de emergência de que a ciência causa mais mal do que bem [...].

A irracionalidade se infiltrou no tecido social, seja com as posições céticas individuais, quanto com os movimentos coletivos de protesto que em 2021 inflamaram as ruas [...]. A variante conspiratória, tendente à paranoia, inspirada na teoria da “grande substituição”<sup>1</sup> contagiou 39,9% dos italianos convencidos do perigo real da substituição étnica: a identidade e a cultura nacionais desaparecerão com a chegada de imigrantes, portadores de um perfil demográfico dinâmico em relação aos italianos que não têm mais filhos, tudo isso acontecendo por interesse e vontade de supostas elites globalistas opacas.

Várias tecnofobias também são generalizadas, já que 19,9% dos italianos consideram a tecnologia 5G uma ferramenta muito refinada que serve para controlar a mente humana. Chegamos à negação histórico-científica, com 10,0% dos italianos convencidos de que o homem nunca pousou na Lua e 5,8% de certeza de que a Terra é plana, caindo assim em uma surpreendente regurgitação pré-moderna. [...] Da medicina à tecnologia, nada escapa ao moedor de carne do irracional, que conquista um espaço não modesto no discurso público [...]. (Censis, 2021)

Esses sinais inquietantes mostram quão ampla é a difusão de impulsos irracionais em nosso país e provavelmente em grande parte do mundo industrializado, em que as consequências da pandemia se cruzaram com as contradições sociais e os temores que afloraram ao influxo de uma crise econômica de longa duração. E é compreensível que no debate público essas posições sejam majoritariamente criticadas e estigmatizadas em nome do primado da razão, da ciência, do Iluminismo e assim por diante. Nesse sentido, não se pode deixar de concordar com Pier Aldo Rovatti, que descreveu claramente este desvio como uma “negação do discurso crítico” e uma “tentativa de afirmação de um ponto de vista dogmático que não tolera ser discutido, contrariado ou falsificado” (Rovatti, 2021, p.29).

As várias tendências que povoam a revolta antivacina, com seu armamento ideológico antimoderno e esotérico e suas aspirações palingenéticas muitas vezes místicas, fazem pensar nas palavras escritas por Engels no final do século XIX, em seu famoso paralelo entre o cristianismo de origens e o movimento socialista no Estado nascente:

[...] afluem ao movimento operário todos os elementos que não podem esperar nada do mundo oficial ou que deixaram de influenciá-lo – opositores da vacinação, abstêmios, vegetarianos, antivivisseccionistas, médicos naturistas, pregadores de

---

1 Doutrina racista e catastrofista sustentada por Renaud Camus em *Le grand remplacement* (Neuilly-sur-Seine, David Reinharc, 2011) e em outros escritos. O autor se alinha com a mais virulenta extrema-direita para enfrentar o que considera a islamização da França. (N. E.)

comunidades livres abandonadas por seus próprios prosélitos, autores de novas teorias sobre a origem do mundo, inventores malsucedidos ou fracassados, vítimas de injustiças reais ou supostas, que são qualificados pela burocracia como “queixosos inúteis”, tolos honestos e trapaceiros desonestos. Assim também ocorreu com os primeiros cristãos. [...] Não houve devaneio, loucura ou fraude que não se infiltrasse nas jovens comunidades cristãs, que não encontrasse temporariamente, pelo menos em alguns lugares, ouvidos dispostos e fiéis dispostos. E, como nossas primeiras comunidades operárias comunistas, também os primeiros cristãos eram de uma credulidade sem precedentes para as coisas que tocavam sua vida cotidiana, tanto que nem temos certeza de que pelo grande número de escritos que o Peregrino escreveu para o Cristianismo este ou aquele fragmento não acabou por engano em nosso Novo Testamento.<sup>2</sup> (Engels, 1986, p.22-23)

Fica, no entanto, a impressão de que o problema é muito mais complexo do que Censis sugere. Perguntemo-nos: o “pensamento mágico” é apenas o folclórico do No Vax e dos terraplanistas, que o Relatório denuncia com razão? Há algo que ele não diz, deixando na sombra uma dimensão mais ampla do problema. É claro que três milhões de italianos convencidos de que a Terra é plana é um número considerável e preocupante. Há, porém, provavelmente muitos milhões de italianos de quem Censis não fala e que acreditam em perfeita boa-fé que a organização social capitalista é a mais perfeita e completa. Muitos milhões de italianos também acreditam que para prosperar é necessário cortar impostos sobre os ricos, privatizar, realocar, dismantelar a previdência. Acreditam também que, à medida que a duração média da vida aumenta, é necessário se aposentar mais tarde e ter a aposentadoria reduzida. Não levam em conta o vertiginoso aumento da produção e da produtividade do trabalho das últimas décadas ou a crescente lacuna entre salários e lucros. Não são também, na realidade, formas de “pensamento mágico”, embora diferentes do No Vax? Uma vez que o modo de produção capitalista é ele próprio histórico, deve-se reconhecer que, também neste caso estamos diante de um pensamento irracional e de uma atitude “religiosa” e fideísta: culto autorreferencial do capital de que falava Walter Benjamin na época e ao qual até Censis, em seu eloquente silêncio, parece devotado (Benjamin, 2013, p.41-43).

Censis certamente faz bem em nos informar em detalhes sobre as formas degradadas de consciência. Mas na sequência, também denuncia como “pensamento mágico” que, segundo 67,1% dos italianos, “o poder real está concentrado, de forma não totalmente democrática, nas mãos de um pequeno grupo de poderosos, formado por políticos, burocratas de alto escalão e empresários” (Censis, 2021), ou seja, a percepção generalizada de que o poder é monopolizado pelas classes

2 O Peregrino de que fala Engels era um “vigariista habilidoso”; Luciano de Samósata conta que na segunda metade do século II conseguira “ficar pobre de rico” aproveitando-se da ingenuidade infantil dos primeiros cristãos (Engels, 1986, p.20-21).

dominantes. E, na mesma linha, ele considera “pensamento mágico” que 64% dos italianos consideram prejudicial o poder excessivo das “grandes multinacionais” e que 56% dos italianos veem um problema de concentração de poder também em nível internacional. “Pensamento mágico”, enfim, é também para Censis o fato de que segundo 21,8% dos italianos o modelo político em que vivemos, a democracia liberal, nem sempre e necessariamente é o melhor modelo possível; pode haver modelos diferentes.

Pois bem, essa escolha metodológica – juntar e avaliar da mesma maneira os terraplanistas, os negadores da Covid ou da vacina e os críticos da ordem social e política capitalista – não é apenas errada no plano científico, mas é também ela mesma religiosa e fundamentalista, porque torna inimaginável qualquer horizonte de sentido alternativo. Ela por sua vez representa, portanto, uma forma de “pensamento mágico”, que fetichiza a ordem estabelecida. E que, para usar as palavras de Rovatti, implica “uma regressão cultural manifesta” (2021, p.29) em relação a uma época diferente, em que ainda era possível pensar em transformação da sociedade sem necessariamente ser associado ao esoterismo ou tachado de irracionalista e partir de um modelo dialético de racionalidade mais amplo e abrangente, capaz de levar em conta a totalidade da realidade e da história.

Há outro problema de natureza epistemológica que diz respeito a Censis como a parte considerável da sociologia contemporânea que desistiu de explicar as razões da mudança social, salvo de maneira superficial e decepcionante. Para explicar a disseminação do “pensamento mágico” que tanto o preocupa, Censis se refere a genéricas “raízes socioeconômicas” que geram “ressentimentos” e “soberanismo psíquico”, ou, referindo-se à crise econômica, ao empobrecimento generalizado, às frustrações crescentes, ao analfabetismo funcional etc. Dimensões inegáveis, mas que bloqueiam a explicação destes fenômenos a um nível demasiado superficial, acabando paradoxalmente por minimizar um problema cuja urgência se queria sublinhar.

Indo mais fundo, encontramos um problema ainda mais sério, que não pode ser resolvido por uma simples operação pedagógica de esclarecimento e informação às massas incultas; não se trata de modo algum de mera ignorância ou analfabetismo e sim de sintomas de uma crise real do sistema e, portanto, daquele fenômeno que Gramsci chamou de “crise *orgânica*” ou algo muito próximo (Gramsci, 1975, p.1077-78): a dissolução de um determinado clima ideológico e de uma determinada hegemonia, como consequência da dissolução de um bloco social que por algum tempo foi também um bloco histórico. Aqui essa dissolução é acompanhada pela desintegração da forma específica de hegemonia que consolidou aquele bloco pelo tempo em que durou, bem como pela busca de novas hegemonias. Quando ocorre uma crise ideológica dessa magnitude, a simples disseminação do conhecimento – esperada com louvável boa vontade pelas tendências liberais – não é suficiente; e a consolidação de outra hegemonia ou de uma contra-hegemonia é necessária, pois somente uma nova hegemonia resolve o problema de uma crise de hegemonia.

Para compreender esses fenômenos de irracionalismo e “pensamento mágico” devemos levar em conta a profunda transformação global que nossas sociedades experimentaram nas últimas décadas. E entender, assim, que o “pensamento mágico”, bem como o populismo e o soberanismo, são em primeiro lugar expressão de uma queda na legitimidade das classes dominantes estabelecidas e de seus intelectuais, diretamente envolvidos na crise de hegemonia que ajudaram a construir. É uma mudança de época em consequência da alteração das relações de forças em escala internacional que resumiremos aqui como a passagem da Grande Divergência à Grande Convergência nas relações entre o Ocidente e o resto do mundo.<sup>3</sup> Durante grande parte da era moderna e até recentemente vivemos em uma era de Grande Divergência, no sentido de que o Ocidente progrediu enquanto o resto do mundo “divergiu” porque foi colonizado e subjugado. Já há algumas décadas, ao contrário, a Grande Divergência foi substituída por uma Grande Convergência, porque as relações de poder entre nações, culturas, áreas geopolíticas e civilizações mudaram gradativamente, provocando um salto de fase (Losurdo, 2014, p.17-20).

Não há dúvida de que a globalização capitalista foi um grande projeto de recolonização, que se desenrolou em particular após 1989-1991: com a queda do muro de Berlim, o campo socialista demolido, iniciou-se um momento de reconquista ocidental, que ainda está em curso. Nos últimos anos, uma série de sinais nos colocam diante de um verdadeiro renascimento do colonialismo, agora relegitimado também no plano ético. “A África está à mão e seria um recurso precioso para todos os países europeus que deixaram vestígios da sua passagem”, escreveu Sergio Romano há algum tempo, queixando-se de que infelizmente aquela terra com enorme potencial “foi abandonada à China” (Romano, 2019, p.29).

Esse esforço de recolonização imperial acabou, porém, por despertar o mundo que pretendia recolonizar. Sabemos, notadamente, que a China já é a segunda maior economia global e está se preparando para se tornar a primeira. Portanto, hoje temos dois grandes projetos opostos no terreno internacional: por um lado, uma grande recolonização capitalista, ou seja, uma globalização ocidental-centrada; por outro lado, a Grande Convergência, que é ao mesmo tempo também uma grande revolução planetária e outra ideia de globalização. Para o Ocidente é uma catástrofe, porque alterando-se as relações de poder e os equilíbrios geopolíticos e geoeconômicos, os recursos disponíveis para o Primeiro Mundo são inevitavelmente menores do que algumas décadas atrás.

Como o Ocidente e suas classes dominantes em particular reagiram? Por meio de uma gestão da crise que descarregou o custo da Grande Convergência nas classes subordinadas e médias. Elas preservaram seus privilégios e seu status de governantes, mas não conseguiram mais conservar seus aliados, aquelas classes médias que, junto com as classes populares constituíam seu bloco social. Sua capacidade hegemônica foi abalada e não conseguiram mais construir consensos

<sup>3</sup> Já tratei extensamente dessas questões em Azzarà (2019).

na mesma medida do que antes. Sua hegemonia entrou em crise, de modo que se faz necessário um novo equilíbrio hegemônico: ou uma contra-hegemonia por uma contraelite, ou uma nova forma de hegemonia que permita aos governantes recuperar a capacidade perdida de consenso.

É essa crise de hegemonia que constituiu o verdadeiro conteúdo do “momento populista”, hoje em fase de declínio após vários anos de ascensão: os grupos que foram abandonados a si mesmos reagiram à falta de proteção e garantia iniciando um distanciamento do bloco social em que estavam inscritos. E esse desengajamento se expressou simbolicamente por meio de uma deslegitimação cada vez mais virulenta das elites estabelecidas, que enveredou pelo caminho da crítica à “Casta”.<sup>4</sup> Uma crítica que se exerceu no terreno político, com a deslegitimação dos grandes partidos de massa e das grandes organizações sindicais e o surgimento de movimentos transpolíticos “além da direita e da esquerda” e no terreno econômico, com a denúncia do “globalismo” e do capital financeiro internacional, que se contrapõe ao capital territorializado, produtivo e nacional, incapaz de competir em escala global. Também no terreno cultural, contestou-se o conhecimento estabelecido em suas formas percebidas como mais autoritárias, sobretudo o saber acadêmico e científico. À ciência essa crítica contrapõe as formas imediatas de saber e a formação amadora e autodidata. É justamente essa nova grande transformação e ruptura de um bloco social e de uma hegemonia que acaba por explicar a difusão do “pensamento mágico”, o qual não é apenas o dos que desconfiam da ciência, mas também o dos que encontram sua própria distinção e salvação na ciência, nela se apoiando de maneira absoluta, acrítica e fundamentalista, que nega o caráter democrático dessa forma de pesquisa e conhecimento, nascida no limiar da idade moderna contra todas as pretensões de conhecimento esotérico e que justamente por isso procede por meio de verificações públicas.

Seria realista, nessas condições, pensar em resolver problemas tão sérios e profundos com uma simples operação de limpeza? De uma crise de hegemonia só podemos sair com a construção de uma nova forma de hegemonia. Se esta será progressiva ou regressiva também dependerá da capacidade de traduzir em realidade nossas reflexões críticas.

## 2. Crise política e crise cultural à esquerda

A crise de longa duração da esquerda europeia provém de sua subordinação à agenda neoliberal e de sua crescente incapacidade de ser programaticamente

---

4 Vale notar, a esse respeito, que a crítica à “Casta”, que se tornou lugar comum do populismo plebeu, nasceu nas colunas do *Corriere della Sera*, o jornal da boa burguesia liberal italiana; nelas foram publicados os artigos de Oriana Fallaci, cujas posições também foram adotadas pelos soberanistas e populistas; ou seja, aquelas tendências que os jornais liberais hoje afirmam combater, mas que na verdade foram criadas exatamente nessa esfera política e cultural, a qual, não surpreendentemente, se prepara hoje para reabsorver a cisão populista para trazê-la de volta ao seu seio em chave liberal-conservadora.

autônoma para articular um paradigma alternativo. É uma crise que surgiu da gigantesca derrota das classes populares ocorrida no contexto do conflito político-social internacional pelo menos desde o final da década de 1970. Os caminhos que a prepararam foram muitos. Ficaram claros (a) o despreparo para compreender adequadamente a modernização capitalista, no momento em que se inverteu o ciclo das grandes lutas e avanços do pós-guerra, e para responder a ela por meio da análise do conflito e das experiências organizacionais que estavam no auge; (b) as profundas mudanças na composição social das classes trabalhadoras, paradoxalmente perturbadas pelo sucesso do compromisso fordista-keynesiano e pela produção de uma nova antropologia consumista e desejante, favorecida pelo bem-estar generalizado; (c) o não menos decisivo colapso da dissuasão socialista no Leste, com a perda de qualquer sistema alternativo estratégico capaz de condicionar a dominação capitalista, forçando-a a se abrandar por meio do bem-estar; (d) o enfraquecimento do horizonte nacional-estatal nos processos de globalização e convergência regional (União Europeia); (e) o início do processo de recolonização do mundo, que no Ocidente afrouxou os laços da solidariedade internacionalista e relegitimou a barbárie da guerra e o sentimento de superioridade étnica e civilizatória.

É uma tendência global e geral que afetou tanto as social-democracias como os partidos herdeiros do movimento comunista e que não poupou nenhum país, mas que deu origem a uma fenomenologia diferenciada nos vários contextos regionais e nacionais. Em um nível estritamente político, essa crise se manifestou tardiamente na Itália, mas com formas mais macroscópicas do que em outras realidades europeias. De fato, há algum tempo, a esquerda italiana sobreviveu a si mesma e viveu em uma espécie de persistência póstuma: tão fortes foram as raízes sociais do PCI nos “Trinta Gloriosos”,<sup>5</sup> tão estruturada em nível organizacional e tão ampla foi sua influência, que as organizações formadas em nosso país a partir de sua dissolução, após a queda do Muro de Berlim, continuaram a viver de seu legado por longos anos. E mesmo a ala mais radical da esquerda conseguiu por um certo período consumir a rica herança acumulada na fase anterior, permanecendo pelo menos até 2009 entre os protagonistas, ainda que menores, da cena política nacional.

O colapso político da esquerda manifestou-se, pois, na Itália com um deslocamento temporal notável, a ponto de dar a impressão de que o pior havia passado de maneira indolor. Quando ocorreu, porém, esse colapso foi súbito, inglório e talvez definitivo, a ponto de anular sua presença significativa. Na realidade, por muito tempo o quadro político do país foi deslizando para a direita, deixando um espaço cada vez menor para aqueles que desejavam continuar com a difícil tarefa da representação dos subordinados. A democracia moderna terminou sua parábola

5 A expressão, de origem francesa, designa os trinta anos de glorioso crescimento econômico dos países desenvolvidos europeus, de 1945 a 1975. (N. E.)

histórica mais ou menos em meados da década de 1990, quando as relações de poder entre as classes se deterioraram e o relativo equilíbrio social alcançado, com seus mecanismos de redistribuição de riqueza, poder e reconhecimento, foi inexoravelmente alterado. A democracia moderna foi seguida por uma forma, agora consolidada, de democracia bonapartista pós-moderna e espetacularizada.

Se, para se manter, o PDS-DS<sup>6</sup> apoiou a mudança geral em chave transformista, anexando-se efetivamente aos herdeiros da DC e adquirindo uma centralidade política permanente em detrimento de sua real capacidade reformista (seu programa é hoje substancialmente o da Forza Italia dos anos 1990 e muito mais atrasado do que o de forças como o falecido PSDI<sup>7</sup>), as siglas à esquerda do atual PD,<sup>8</sup> que há muito gravitaram para o centro-esquerda, até serem dele expelidas em 2007, estão agora substancialmente fora da realidade política e sem a menor efetividade.

Se o estado de saúde das forças progressistas no terreno político é muito dramático, não é menos preocupante, porém, o terreno cultural, que é o que mais nos interessa aqui. Em meados dos anos 1980, Ernesto Laclau pressentiu em tempo real, junto com Chantal Mouffe, a inversão do ciclo político-social e o advento de uma nova fase generalizada da direita, na qual o liberalismo conservador se renovava e cada vez mais interpenetrava formas de populismo e chauvinismo que lhe conferiam um inusitado apelo de massa (Laclau; Mouffe 2011 p.38 ss.). A proposta de um populismo de “esquerda” pretendia responder a esse fenômeno oferecendo uma alternativa de renovação à esquerda órfã do comunismo, empurrando-a na direção de uma “democracia radical” que admitisse o fim do mito leninista, mas mantivesse intacto o espírito emancipacionista das lutas do século XX, adaptando-o à multiplicação das identidades e necessidades da sociedade abastada e oferecendo uma alternativa ao populismo liberal reacionário. Infelizmente, porém, também essa proposta se revelou insuficiente e ineficaz, pelo menos na Europa. Por um lado, compartilhando um cenário cultural pós-moderno hostil a qualquer forma de identidade, Laclau e Mouffe subestimaram a natureza intrinsecamente ambígua do terreno populista, que por sua própria constituição (marcada pela desintermediação e, portanto, pelo imediatismo) tende espontaneamente a se orientar para a direita e fornecer identidades grosseiras, irracionais e muitas vezes naturalistas no lugar das mais elaboradas e complexas, deformando até os experimentos mais generosos.<sup>9</sup> Por outro lado, os dois intelectuais superestimaram a capacidade das formas de

6 Sucessor do Partido Comunista Italiano (PCI), o Partido Democrático da Esquerda (*Partito Democratico della Sinistra*, PDS) fundiu-se em 1998 com pequenos partidos social-democratas e socialistas, passando a se chamar Democratas de Esquerda (DS). (N. E.)

7 O *Partito Socialista Democratico Italiano* (PSDI), social-democrata de direita, atrelado à Democracia Cristã e tenazmente anticomunista, teve certa importância na política italiana até os anos 1980. Giuseppe Saragat, seu fundador e líder, foi presidente da República italiana de 1964 a 1971. (N. E.)

8 O *Partito Democratico* (PD) foi fundado em 2007, através da fusão de vários partidos de centro-esquerda, que vinham se aliando desde os anos 1990, notadamente o Democratas de Esquerda e o Democracia e Liberdade-A Margarida, oriundo da ala esquerda da Democracia Cristã. (N. E.)

9 Ver Azzarà (2017, p.17 ss.).

consciência progressista e emancipacionista, formadas no movimento socialista em sentido amplo, de se manterem autônomas e resistirem à hegemonia premente da “revolução conservadora” em curso; uma “revolução” que a longo prazo e na mudança das relações de poder social as subsumiu, integrou e *desviou profundamente*, refuncionalizando-as em seu próprio discurso e em seus próprios dispositivos retóricos (tanto aqueles orientados para a estimulação do consumo, como aqueles destinados a circunscrever o perímetro de inclusão e exclusão social).

O exaurimento do marxismo – ou seja, o fracasso de uma visão de mundo que, mesmo em sua versão reformista e não-leninista, se baseava na crítica racional, dialética e científica da sociedade capitalista e das relações de produção e foi transcrita em um projeto de política abrangente e inclusiva de emancipação e transformação universal – tem, assim, progressivamente trazido um realinhamento de todas essas formas de consciência no contexto da hegemonia liberal, que funciona hoje como uma meta-visão de mundo compartilhada e indiscutível que satisfaz todas as necessidades ideológicas daqueles que são subjetivamente mais progressistas, reconhecendo-se no humanismo liberal democrático do direito abstrato, àqueles que são mais nostálgicos e ansiosos por segurança e ordem (populismo conservador liberal e soberania).

Entre seus efeitos deletérios, como resíduo da crítica liberal “pluralista” do pensamento sistemático totalizador, essa catástrofe cultural consolidou, no entanto, involuntariamente, a longo prazo, também a propensão humana natural para o pensamento mágico e as mais improváveis bizarrices, isto é, ao fetichismo e à afirmação do estilo populista, transversal a todas as classes e todos os níveis de ensino, bem como a todas as orientações ideológicas particulares.

É uma consideração que vale sobretudo para os já mencionados fanáticos do cientificismo neopositivista criticados na época por Lukács (1976),<sup>10</sup> convencidos de que a ciência não é democrática (ao passo que é a forma de pensamento mais democrática de todas, porque é aberta à falsificação pública), e de que sua objetividade é absoluta, neutra e impermeável ao condicionamento social, aos interesses dominantes e ao modo de produção de bens e relações, e que a tecnocracia ou epistocracia cara ao capital transnacional corresponde às leis objetivas e eternas da ser social. É deles, dos otimistas integrados de que Censis não trata, a primeira e mais influente forma de pensamento mágico-fetichista no mercado hoje, sob o disfarce dessa religiosidade capitalista que vê e explica as relações sociais burguesas, sob a bandeira do lucro e da concorrência, como último horizonte possível da história e como o melhor ou o único dos mundos possíveis. Esta é uma consideração que infelizmente também se aplica àquelas posições

10 Ver o cap. I, “Neopositivismo e existencialismo”. Como se sabe, Lukács mostra aqui como essas duas tendências sempre viveram em “solidariedade antitético-polar” (p.85: ao “existencialismo” Lukács geralmente assimila tendências irracionalistas, incluindo a “necessidade religiosa” e as múltiplas formas de consolação e edificação filosófica).

críticas formadas nos anos de contestação e contracultura, apenas para serem esmagadas no vórtice do pós-modernismo e em sua parábola regressiva final. Já em sua gênese estavam pouco interessadas numa avaliação do equilíbrio de poder, mais atentas ao momento do que aos processos históricos e muitas vezes romanticamente convencidas de que a revolução poderia vir a qualquer momento como o Dia do Juízo Final, sem que as condições tivessem amadurecido e sem nenhuma preparação organizacional e cultural das massas.

Se no plano político a esquerda perdeu toda capacidade de representação, a ponto de ser absorvida e obliterada como ala progressista de um Grande Centro Liberal que engloba todas as orientações, no cultural assistimos a uma catástrofe não menos significativa: a incapacidade, ainda que apenas teórica e conceitual, de distinguir as mais elementares coordenadas políticas: reação e progresso, movimentos meramente rebeldes e corporativos e movimentos verdadeiramente emancipacionistas. Como julgar, por exemplo, um movimento com excelentes intenções, mas que também carrega o risco do “efeito Greenwashing”,<sup>11</sup> como Fridays for Future?<sup>12</sup> E a retirada dos EUA do Afeganistão marca um retorno daquela região à Idade Média dos direitos civis ou é um ato de libertação nacional? E que posição tomar face à pandemia e às medidas de proteção da saúde pública que os Estados nacionais, incluindo o italiano, tomaram desde os primeiros meses de 2020? Qual é o aspecto predominante dessa dinâmica? Onde estão a esquerda e a direita? Nessas e em outras questões, a confusão reina suprema. Não por acaso esse estado de confusão acabou assumindo um status teórico na tese de que se exauriram as categorias políticas tradicionais nascidas da Revolução Francesa e amplamente vigentes durante o século XX; tampouco por acaso essa teoria está agora procurando formas próprias de organização, incitando a construção de frentes transversais genéricas “antagonistas” que reúnam anticapitalistas de todas as orientações, tanto de “esquerda” quanto de “direita”, comunistas como fascistas.

### **3. Derrotar a pandemia e lutar pelo acesso universal à vacina ou rejeitar a vacina como modo de regulação dos indivíduos livres?**

Em julho de 2021, foi divulgado um manifesto assinado por Giorgio Agamben e Massimo Cacciari<sup>13</sup> (dois autores muito diferentes, mas ambos subjetivamente colocados no lado progressista por muito tempo, e ainda percebidos como “críticos” e “de esquerda” em vastos setores da intelectualidade) em que se denunciava a instauração de uma ditadura sanitária na Itália e que de fato atestava a hegemonia do núcleo duro No Vax, opondo-se ao chamado Green Pass (*passé verde*), classificando-o de violação de liberdades fundamentais: “A discriminação de uma

11 Por efeito Greenwashing entende-se a frequente manipulação que consiste em apresentar como “verdes” iniciativas e produtos falsamente “ecológicos”. (N. E.)

12 Fridays For Future é a organização juvenil lançada em 2018 por Greta Thunberg, então com quinze anos, para promover “greves climáticas” contra o aquecimento global. (N. E.)

13 Tratei extensivamente do debate cultural e filosófico sobre a pandemia em Azzarà 2020.

categoria de pessoas, que automaticamente se tornam cidadãos de segunda classe”; “Uma deriva antidemocrática”; “Todo mundo é ameaçado por práticas discriminatórias”; “A necessidade de discriminar é tão antiga quanto a sociedade”.<sup>14</sup> Apelo progressista contra formas inaceitáveis de repressão aos direitos fundamentais ou um novo manifesto de transformismo que, pela autoridade da filosofia, prepara a passagem de mais uma camada intelectual em direção à direita populista?

Essa intervenção é emblemática do clima cultural nacional e talvez até europeu. Bilhões de pessoas em antigos países coloniais da Europa na África, Ásia e América Latina ainda não podiam ter acesso à vacina; mesmo nas metrópoles capitalistas, aterrorizadas pela Grande Convergência Chinesa, a pandemia e as consequências da pandemia aumentaram desigualdades já enormes e intoleráveis. Apesar da esperança de uma mudança geral na política econômica, um ano depois da catástrofe, aquelas mesmas políticas insanas que desmantelaram a Previdência, a começar da Saúde e das Escolas e que privatizaram e concentraram riqueza e poder, foram reativadas nas mãos dos que já são ricos e poderosos. No entanto, em vez de protestar o mais alto possível até que o problema tenha realmente chegado ao conhecimento geral, os dois filósofos italianos preferiram se colocar na cauda do espontaneísmo de uma minoria privilegiada, que no rico Ocidente se permite rejeitar a vacina e fazer barulho por uma medida branda de proteção pública, em nome da rejeição indignada de qualquer regulação estatal e de uma concepção absoluta da liberdade individual dos melhores e dos “bem nascidos” (Losurdo, 2005, p.238).

Agamben e Cacciari conhecem muito bem o debate sobre a liberdade humana que percorre a história do pensamento ocidental. Sabem que o pensamento político moderno identifica o ato de instituição da liberdade civil em uma limitação original da reivindicação de liberdade absoluta e também que a liberdade não se desenvolve no hiperurânio, mas só é praticável a partir das condições dadas (a “matéria”), apenas em contato com a realidade e com as leis intrínsecas daquele objeto que não pode ser dissolvido no ego.

Posto que a limitação da liberdade absoluta não se confunde com o autoritarismo, mas constitui a premissa de um exercício consciente da própria liberdade, para que e para quem serviria essa extraordinária operação de regulação global, temida pelo manifesto dos dois autores, na sociedade do desejo desencadeado? O Poder realmente pretende nos disciplinar e, assim, limitar nossa capacidade de traduzir esse desejo em consumo? Ele teria interesse nisso, em um contexto em que nenhuma alternativa estratégica ao existente é concebível e nenhuma capacidade de fuga está presente na esfera pública?

A teoria tão em voga hoje sobre o estado de exceção, apresentada como diabólica engenhoca hobbesiana que durante alguns anos ou décadas produziria artificialmente

14 Cf. *Em relação ao decreto sobre o “passe verde”*, site do Instituto Italiano de Estudos Filosóficos, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/4czarmne>.

a oportunidade para as piores atrocidades neoliberais e permitiria que os poderes fortes nos manipulassem em uma chave biopolítica e que teria sido subitamente descoberta, com base em algum oráculo do passado, por algum gênio filosófico, não resiste à menor análise histórica. Tomemos apenas as últimas décadas, em que não tivemos outro assunto, na política, a não ser supostos estados de exceção contínuos: crise energética, Seveso,<sup>15</sup> terremotos, coronéis, golpes, massacres, crise dos mísseis, terrorismo, máfia, inflação, estagnação, serpente monetária, parâmetros de Maastricht, buraco de ozônio, aquecimento global, fundamentalismo islâmico, declínio demográfico... Mas algo diverso ocorreu com as gerações anteriores? Quando um conceito explica muitas coisas e funciona como uma *chave mestra*, na verdade não explica nada. O estado de exceção é provavelmente a *normalidade* da política e talvez da própria vida, bem como um dispositivo retórico consumado. Cada um de nós não espera sempre uma exceção para si quando estaciona em fila dupla? Não temos todos sempre razões especiais e extraordinárias?

Pouco importam aqui a vontade subjetiva e as boas intenções de Cacciari e Agamben, sinceramente preocupados com o destino de nossas liberdades. Conta muito, em vez disso, a situação concreta e a luta pela hegemonia no contexto dado; só ela dá sentido às palavras. Em seu apelo, que ignora a totalidade das contradições reveladas pela pandemia para se concentrar nas consequências que ela tem para uma parte privilegiada, a possível morte de subumanos não brancos sem acesso à vacina, sua discriminação radical, nem sequer é mencionada porque não é considerado significativa diante dos caprichos e da alegada discriminação dos Livres, isto é, dos brancos ocidentais; e porque de fato o é, no quadro de uma ontologia pós-moderna e de uma epistemologia para a qual a própria realidade e sua compreensão se dissolvem, pois tudo é convenção e retórica com base nas relações de poder (Azzarà, 2011, p.157-158). A ponto de uma simples regulação poder ser obscenamente equiparada à desespecificação e discriminação naturalista, à perseguição de minorias, ao “totalitarismo” e até ao Lager.<sup>16</sup> A ponto, aliás, de negar ou afastar a própria existência objetiva de uma grave pandemia e a consequente realidade da emergência sanitária.

O estado de exceção, no entanto, não é apenas uma oportunidade para contrastar sutilmente o *iustitium* com o *tumultus*, mas também aquele em que a filosofia se cruza precisamente com a realidade, a ponto de revelar seu significado político mais profundo. É a ocasião para o refinado e elitista Giorgio Agamben se apresentar como um filósofo nacional da paródia do ethos guerreiro, aristocrático e protoliberal, em harmonia espontânea com os mil particularismos da multidão. Negação reacionária do universal e da humanidade comum, no signo

---

15 Ocorrida em 10 de julho de 1976, a catástrofe de Seveso (pequena cidade da Lombardia) foi um desastre de graves consequências ecológicas. Espessa nuvem tóxica de dioxina escapou de um reator da indústria química Icmesa, pertencente à multinacional farmacêutica suíça Roche, contaminando as áreas circundantes. (N. E.)

16 Abreviação de *Konzentrationslager Auschwitz*, campo de concentração de Auschwitz. (N. E.)

da distinção primordial do Senhor que não aceita limitações e despreza o Servo temeroso, segundo a famosa leitura de Hegel. Ou, em outras palavras, em nome da distinção do *Homo Sacer*: o extraordinário pária, o herege, o inconformista, que se destaca contra a vida nua do bando de sub-homens comuns e propensos ao aceitar a repressão estatal de suas liberdades, os *coolies* destinados cuidar do metabolismo social.

É neste contexto, portanto, que o pesadelo distópico e antimoderno da ala “esquerda” do No Vax ou No Pass encontrou uma legitimidade crescente, que na realidade constitui uma outra face dessa vasta hegemonia da direita que surge do triunfo do liberalismo. Pensamos na passagem do jurista Ugo Mattei do chamado “benecomunismo”, em moda há alguns anos na ultraesquerda, para as praças de hoje cheias de lojistas em protesto, de livres pensadores autodidatas e militantes da Forza Nuova,<sup>17</sup> sob a égide da persistente suspeita contra a intervenção estatal que desde o início o levou a contestar o estatuto público dos bens comuns. Pensamos no crescente interesse pelo mito, generalizado à esquerda, das pequenas comunidades ancestrais. Essa forma de romantismo que promove o êxodo das ilhas de autonomia, com seus grupos de compra e suas escolas parentais, e também exalta o orgulho anarcoide e libertário do “mestre em casa”; um mestre que não aceita regras fora de seu próprio ego e de sua família ou círculo e, ao se declarar superior à razão universal, não reconhece por sua vez o Estado e qualquer dimensão ou responsabilidade pública. Pensamos nos “grandes núcleos de verdade” que as mobilizações do No Pass “contêm”, segundo o coletivo Wu Ming (Ming, 2021), que passou do No Tav<sup>18</sup> ao No Pass em nome do veterofoucaultismo e de um Giorgio Agamben empenhado em difundir veleidades anarcoídes, conspirativismo paranoico vulgar, percepção pós-moderna do tempo e da história.

Mesmo um intelectual lúcido como Alessandro Barbero parece ter se deixado levar pela torrente do populismo e da comunicação *social*, assinando um apelo que denuncia a discriminação contra uma minoria como “injusta e ilegítima”, porque “viola aqueles direitos de estudo e formação que são garantidos pela Constituição” e que recordaria até “outros precedentes históricos que nunca teríamos gostado de reconstituir”, nomeadamente as leis raciais.<sup>19</sup> Mais surpreendente ainda: até Luciano Canfora, um intelectual orgânico da esquerda a que poucos se igualam, não saiu ileso dessa deriva, ao combinar economicismo, populismo e conspiração: “A guerra das vacinas é um dos piores capítulos da história do lucro capitalista. Portanto, a tentativa coercitiva em andamento seria vergonhosa. Além disso, por enquanto, são produtos experimentais. O que torna ridícula a comparação com outros episódios (exigência de vacinação contra a varíola). Mas a orquestra jornalística está toda domesticada ou atônita” (Canfora, 2021).

17 Forza Nuova é o grupúsculo fascista que atacou a Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL).

18 NO TAV (*treno ad alta velocità*) foi um movimento popular de protesto contra a construção de uma linha de trem de velocidade média (220 km/h) de Lyon a Torino. (N. E.)

19 Apelo dos professores universitários: “Não ao Passe Verde”, disponível em <https://tinyurl.com/2ka6h9ja>.

Vejamos aqui, para lembrar apenas um aspecto dessas posições, como a crítica histórico-materialista e racional da indústria da saúde e a submissão da pesquisa científica às necessidades produtivas, que no marxismo investia uma dinâmica objetiva do modo capitalista de produção, se degrada à denúncia da “conspiração da Big Pharma” que nos impõe vacinas (não se sabe se nos controla ou se nos extermina e nos substitui) e à legitimação de uma espécie de espontaneísmo sanitário *New Age* empirista e irracional.

Sem mais planejamento político compartilhado, desprovidos de ferramentas conceituais racionais, derrotados e dispersos, todos nós somos agora muitas naves espaciais em um mar tempestuoso, cada uma das quais está sempre à beira de naufragar e se perder para a direita. E se esse processo de degradação está muito mais adiantado do que se poderia temer, diante dele os grandes intelectuais não são em nada diferentes dos demais. Não surpreende, dadas essas premissas, que a degradação do pensamento crítico em modalidade de pensamento mágico com orientação irracionalista e anticientífica tenha solicitado ainda mais as reivindicações de monopólio do pensamento. O primeiro dano grave causado pelas posições de Agamben, Cacciari, Mattei e outros expoentes do ceticismo espetacularizado é, portanto, fomentar as derivas No Vax e legitimar o trânsito do pensamento mágico pré-moderno para o pós-moderno. A segunda, não menos grave, porém, é oferecer em bandeja de prata aos corifeus neoliberais uma oportunidade de difundir suas habituais posições especularmente dogmáticas: “Bobagens dos filósofos”, lê-se no título de um artigo de Tito Boeri e Roberto Perotti, referindo-se às divindades tutelares intelectuais do protesto antivacina, publicado em *La Stampa* (Boeri e Perotti, 2021, p.39).

#### **4. Interesse público e interesse privado no renascimento “operaísta” sem Green Pass<sup>20</sup>**

Não vale a pena discutir aqui a rejeição “política” ou “ideológica” da vacina sob pretexto de ser instrumento de controle das multinacionais e/ou do Estado. A escolha vacinal convincente de países distantes do capitalismo, como Cuba ou China, nega que ela seja imposição dos interesses privados. Ela desafia o interesse público pela necessidade objetiva de enfrentar a pandemia (para a qual o negacionismo não dá respostas). Que alternativa existe ao execrado Green Pass?

No mundo nobre e poético da fantasia, em que há apenas o eu que é único em suas propriedades e soberanamente indiferente à situação concreta, à história, à matéria vil, ao objeto (a pandemia), é possível sonhar com um cenário paradisíaco em que a liberdade do Ego se desdobra livremente. Um cenário inalcançável. Considerando que os primeiros a protestar foram os professores secundários e

---

20 O “operaísmo” foi uma corrente intelectual de extrema esquerda que prosperou na Itália nos anos 1970. Pregava o culto da espontaneidade operária e condenava partidos e sindicatos em nome de uma nebulosa “autonomia”. (N. E.)

universitários, estariam eles magicamente esperando que haveria no máximo seis alunos ou estudantes por sala e três milhões de professores contratados repentinamente, todos transportados à escola diariamente ida e volta por um ônibus pessoal com ar condicionado? Assim se poderia garantir a presença nas salas de aula, que também tem sido exigida pelos mesmos setores “céticos”, como uma necessidade incontornável, para deter a colonização capitalista dos processos educacionais em curso na internet.

Na triste e vulgar realidade, há poucas certezas além do fato de que o risco geral de contágio deve ser reduzido de algum modo. Opor-se ao Green Pass sem propor qualquer alternativa viável que garantisse a segurança de uma maioria (que legitimamente queria ser protegida), mas continuar a exigir aulas presenciais, bem como o regresso imediato a uma vida normal de trabalho e consumo significa, na verdade, apenas rejeitar qualquer regulação estatal e qualquer limitação em nome de uma concepção aristocrática e faustiana de liberdade entendida como a vontade absoluta do livre e do melhor, ou então negar que esses temores tenham fundamento.

O protesto teria feito mais sentido se tivesse focado no fortalecimento da campanha de vacinação. E se, mantendo firme esse objetivo principal, houvesse lutado pelo concomitante aprimoramento dos métodos de fornecimento de máscaras para aquela minoria que prefere não se vacinar, tivesse se unido a uma mobilização mais geral para enfrentar os problemas históricos da Escola e a Universidade. Em vez disso, temos presenciado a habitual e recorrente tentativa egoísta de se esquivar de suas responsabilidades e pôr em risco o interesse de vastíssima maioria, sem se importar com as consequências.

E aconteceu que a certa altura, ao longo desta ladeira, liderados por uma paródia bufante das gangues fascistas do passado – das quais não falta nostalgia na Itália –, aqueles estratos sociais pequeno-burgueses que por profissão têm na vontade absoluta seu único credo, mas que agora estão apavorados com os processos de proletarianização em curso, transbordaram para as ruas, invadindo a sede da mais importante organização operária, puxando com eles nesta ação demonstrativa, que pretendia punir a Confederação Geral Italiana do Trabalho (CGIL) por sua suposta “colaboração” com o Green Pass, os desclassificados de todas as classes sociais. Como se não bastasse, aconteceu que, pela primeira vez, setores antes ligados à esquerda histórica e simpatizantes dessa mesma organização sindical se descontrolaram e até aplaudiram, vendo naquele ato uma espécie de vingança simbólica de suas mil frustrações e de outras tantas supostas traições sindicais, bem como um rito de passagem e de suposta emancipação.

É necessário, portanto, compreender bem a natureza desse episódio, que corre o risco de constituir a premissa de um deslocamento orgânico para a direita de setores do mundo do trabalho que até agora olhavam para outro lugar. Que a CGIL tem muitos defeitos, que por algum tempo – pelo menos desde o tempo de Lama até o

último Trentin,<sup>21</sup> obrigado a assinar um acordo desfavorável e até tentar legitimá-lo em nível teórico – se tornou um sindicato com uma forte tendência concertativa, um sindicato que não media simplesmente movendo-se das relações de poder desfavoráveis em vigor hoje, mas muitas vezes para baixo dessas relações de poder, é bem conhecido. Assim como é sabido que a esquerda italiana – tanto a moderada e nominalista quanto a radical e sonhadora, é incapaz de desempenhar seu próprio papel político e exercer uma representação dos subordinados. No entanto, há uma crítica progressista, mas também uma crítica reacionária à esquerda e aos sindicatos. Ela é legítima e progressiva na medida em que propõe uma análise das causas reais de seus déficits, que devem ser buscadas nas relações reais de poder e sua mudança no contexto de um conflito em que alguém ganha e alguém perde e certamente não em alguma “traição” fantasmagórica. E, sobretudo, é legítima na medida em que assume a forma de *autocrítica*, assumindo os problemas que descortina, de modo a preparar um amanhã, permanecendo no campo que critica, de modo a exortar a uma autorreforma.

Quer venham de inimigos históricos deste campo político e, portanto, da direita ou de ex-esquerdistas duros e puros, quase todos enamorados desiludidos, as críticas recentes que lemos não configuram de modo algum uma autocrítica. Elas gostariam de que a esquerda, ou o pouco que resta dela, fosse literalmente cancelada, a fim de purificar um pecado original ou adquirido: como a esquerda foi quase inteiramente para a direita, que ela se vá de vez e deixe a direita permanecer sozinha. Gostariam também de que o sindicalismo não existisse, para deixar o campo livre para a selvagem anomalia do autodenominado espontaneísmo superdotado, no caso das tendências “operaístas” mais extremistas, que clamam por traição; ou para a solidariedade corporativa entre produtores radicados na mesma terra – isto é, entre o trabalhador precarizado e o pequeno patrão que o explora e de vez em quando lhe passa alguma gratificação tirada das contribuições que não paga – no caso das tendências mais corporativas e social-chauvinistas.

São críticas reacionárias e ilegítimas, portanto, embora se disfarcem de amor ao povo ou às vezes até de comunismo folclórico e virilista de quartel. É evidente, nesta perspectiva, que nas fotos de propaganda de Draghi com Landini,<sup>22</sup> muitas vezes apontadas como evidência contundente do conluio do sindicato com o grande capital – CGIL e Forza Nuova unidos em uma encenação orquestrada pelos serviços secretos para deslegitimar o povo soberano, fazendo-o passar por fascista e assim favorecendo a trama globalista-vacinista da UE e Soros contra o proletariado trabalhador branco –, que há uma propaganda, pois estas são de fato

21 Luciano Lama e Bruno Trentin foram “partigiani” e deputados comunistas; ambos exerceram o cargo de secretário-geral da CGIL, o primeiro de 1970 a 1986, o segundo de 1988 a 1994. (N. E.)

22 Banqueiro e primeiro ministro da Itália desde fevereiro de 2021, Mario Draghi foi à sede da CGIL em outubro de 2021 para prestar solidariedade à central sindical, que tinha sido atacada por um grupúsculo fascista. Na ocasião, foi fotografado ao ser recebido por Landini, o secretário nacional da CGIL. (N. E.)

fotos de propaganda. No entanto, a propaganda não é o todo, mas também não é o nada. E o fato de o chefe do governo ter sido obrigado a se mostrar ao lado do chefe dos sindicatos constitui um episódio positivo simbólico que é consequência do avanço e das conquistas antigas do movimento dos trabalhadores, sem cujo relativo consentimento – cujo grau sempre depende do real equilíbrio de poder – nenhum país é governado. Seria melhor ter perdido também essa capacidade de condicionamento simbólico? O que teriam preferido os críticos “puristas” da CGIL? Um chefe de governo que fala mal dos sindicatos e em vez de apertar a mão dos associados de Landini, se junta com um forçado na mão à pequena burguesia lojista que foi atacá-lo na sede nacional?

E é sempre neste comprimento de onda que assistimos a um imprevisível ressurgimento do “operaísmo” em todo o país. As mais diversas orientações políticas, mesmo as mais próximas das reivindicações patronais, redescobriram a realidade dos segmentos mais baixos do mercado de trabalho e saudaram um *revival* heroico da luta de classes na recusa do Green Pass por algumas associações menores de trabalhadores portuários e em suas greves. “Finalmente alguém que não abaixa a cabeça”, “Finalmente a classe trabalhadora recupera sua dignidade”, gritaram até aquelas forças que sempre apoiaram a liberdade de empresa mais irresponsável e a compressão mais brutal dos direitos trabalhistas!

Na realidade, os direitos dos trabalhadores nada têm a ver com a rejeição reacionária do Passe Verde. Que os estivadores – ou metalúrgicos ou operários agrícolas ou qualquer outro setor – ameaçassem ou fizessem a greve não indica de modo algum caráter progressista de tais protestos, que decorrem, pelo contrário, da desintegração de décadas da consciência e da solidariedade de classe de grandes camadas de trabalho subalterno, seu esfacelamento e a completa absorção de formas pós-modernas de particularismo social e corporativismo. Desde as primeiras décadas do século XX sabemos que a posição de classe não coincide de modo algum com a consciência de classe, isto é, que a própria classe não implica necessariamente que essa classe também seja tal para si mesma. E sabemos que a passagem do em si ao por si constitui, no mínimo, o problema mais difícil que a ação política emancipacionista deve enfrentar.

### **Conclusões: a escolha democrática e constitucional do Estado moderno**

A eliminação do Green Pass não restauraria os direitos perdidos em trinta anos de derrotas, nem acarretaria qualquer compensação simbólica. A aceitação do Green Pass não constitui de modo algum uma legitimação das tendências políticas dominantes e do governo em exercício, que deve ser duramente criticado, mas por razões muito diferentes, notadamente por suas opções de classe na política econômica e social. O que se contesta nos meios antivacinais não passa de uma medida liberal moderada para a proteção da saúde pública, que deixa a cada indivíduo a liberdade de escolher se quer vacinar-se ou não, obviamente desde que a segurança geral da sociedade esteja garantida.

O primeiro direito dos trabalhadores é trabalhar em total segurança. É isso que uma esquerda digna desse nome – que não ignora as contradições dentro das classes sociais – deve exigir. A mistura “operaísta” e economista entre os diferentes níveis é uma espécie de chantagem político-moral que esconde uma forma de pura demagogia populista. Aqueles que, ao recusar o Passe Verde, reivindicam a representação autêntica do mundo do trabalho contra as burocracias sindicais não são, portanto, a vanguarda de nada, mas sim uma retaguarda. Fila e massa de manobra de outros estratos atrasados e em particular dos patrões que temem perder a mão na empresa ou angústia pequeno-burguesa de perder qualquer status de distinção. “Eu não me importo” é o slogan implícito e às vezes até explícito dessas manifestações: ninguém ousa contradizer o indivíduo ou grupo livre e soberano. Desse modo, porém, não vão contra um Poder ilusório ou mesmo contra o Patrão, mas contra outros trabalhadores do seu setor e contra os trabalhadores de outros setores, que são a grande maioria, contribuindo enormemente para a desintegração já em curso entre as classes subordinadas.

O protesto “proletário” contra o Passe Verde é, portanto, apenas mais um triste episódio na história da subordinação, cuja inexorabilidade foi quebrada apenas por um interlúdio de algumas décadas pelos partidos de massa e grandes sindicatos, mas que há muito foi restaurada em todo o seu peso.

Contra essas posições é necessário reiterar que “discriminar” pode significar penalizar injustamente um indivíduo ou um grupo, mas também pode significar fazer distinções, separar, e que nesse sentido o Green Pass não envolve nenhuma discriminação ilegítima, como as que são ligadas à etnia, deficiência, gênero ou orientação sexual. Por outro lado, certamente acarreta, como reconheceu Luca Illetterati (2021), uma discriminação político-moral indireta, que, no entanto, é perfeitamente legítima, porque distinguir vacinados e não vacinados evita uma discriminação que seria muito pior: o Passe Verde salvaguarda a universalidade dos serviços de saúde (a vacina) ao mesmo tempo que previne ou procura prevenir os mais frágeis de serem penalizados por uma propagação mais provável da infecção pelos não vacinados.

Os que criticam o Green Pass argumentando que cabe ao Estado a responsabilidade de vacinar também semeiam confusão, por provocação ou por ingenuidade. Como é possível pensar que aqueles que hoje rejeitam o Green Pass (um certificado que pode ser obtido simplesmente por um teste) como abuso inaceitável, aceitariam a muito mais coercitiva obrigação de se vacinar?

Essa medida seria impraticável e, portanto, irrealista por pressupor um uso massivo da força pública. Os protestos de 2021 teriam começado mais cedo e teriam sido extremamente amargos e difíceis de administrar sem o uso da repressão, em uma espiral de conflitos que certamente não levaria o país à guerra civil, mas teria tornado a situação ainda mais complicada. Os No Vax e No Pass verdadeiramente convictos, que alegam ser perseguidos por uma medida (na verdade branda) de

proteção à saúde pública, evocam só por provocação a obrigação do Estado, para melhor poderem exercer o papel de vítima.

Enquanto aqueles não tão convencidos a invocam sobretudo por outra razão: mais do que por medo, para se desvencilharem de toda responsabilidade civil e política para com uma sociedade que, apesar de mil contradições, assiste-os do berço ao caixão, da qual esperam (com razão) a assistência universal que não recebem devido a décadas de dismantelamento dos setores da saúde e do Welfare.

A essa responsabilidade, porém, a democracia moderna – que é um pacto e um compromisso de natureza pública e não um contrato privado – deve apelar a todos, para que possam demonstrar se e quão confiáveis e leais são à República e sua Constituição, no momento em que estas precisam de tal lealdade.

### Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Stato di eccezione*. Turim: Bollati Boringhieri, 2003.
- AZZARÀ, S. *Un Nietzsche italiano*: Gianni Vattimo e le avventure dell'oltreuomo rivoluzionario. Roma: Manifestolibri, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Apesar de Laclau. Populismo e hegemonia na crise da democracia moderna*. Milão/Udine: Mimesis, 2017.
- \_\_\_\_\_. Populismo social-chauvinista branco, Europa e a recolonização do mundo: a emergência de uma democracia bonapartista pós-moderna e plebiscitária e a revolta “soberana” contra a Grande Convergência. In: *Dialettica e filosofia* em julho de 2019.
- \_\_\_\_\_. *O vírus do Ocidente. Universalismo abstrato e soberania particularista em face do estado de exceção*. Milão: Mimesis, 2020.
- BENJAMIN, W. *Capitalismo come religione* (1921). Genova: Il Melangolo, 2013.
- BOERI, T.; PEROTTI, R. Sciocchezze da filosofi, *La Repubblica*, 21 dez. 2021.
- CAMUS, R. *Le grand remplacement*. Neuilly-sur-Seine: David Reinharc, 2011.
- CANFORA, L. *Vergognoso tentativo coercitivo in atto*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jCZzdGLddr8>.
- CENSIS, *La società italiana al 2021. 55th Censis Report*, Roma: Censis, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p86t4y3>.
- ENGELS, F. *Sulle origini del cristianesimo*. Roma: Editori Riniti, 1986.
- FERRARIS, M. Invecchiamento della “scuola del sospetto”. In: VATTIMO, G.; ROVATTI, P. A. (Ed.). *Il Pensiero debole*. Milão: Feltrinelli, 1983, p.120-136.
- GRAMSCI, A., *Quaderni del carcere*. Turim: Einaudi, 1975.
- ILLETTERATI, Luca. *Sulla lettera dei filosofi contro Agamben*, “Le parole e le cose”, 19 out. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/4sje8hsh>.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. Egemonia e strategia socialista. Verso una política democrática radical, *Il melangolo*, Genova, 2011, p.38 ss. [Original: *Hegemonia e Estratégia Socialista*. Londres, 1985.]
- LOSURDO, D. *Contro storia del liberalismo*. Roma/Bari: Laterza, 2005.
- \_\_\_\_\_. *La sinistra assente*: Crisi, società dello spettacolo, guerra. Roma: Carocci, 2014, p.17-20.
- LUKÁCS, G. *Ontologia dell'essere sociale*. v.I. Roma: Editori Riuniti, 1976.

MING, W. *Come rapportarsi alle grandi mobilitazioni contro “green pass” et simili. Nei movimenti francesi se ne discute, e qui?* 27 jul. 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/d5mspev8>.

ROMANO, S. L'Occidente tramonta, *Corriere della Sera*, 15 abr. 2019.

ROVATTI, P. A. La fuga fatale nel pensiero magico sulla strada della regressione culturale, *La Stampa*, 21 dez. 2021.

## Resumo

O debate sobre o “pensamento mágico” aberto pelo Relatório Censis 2021 e focado na difusão de temas irracionais e anticientíficos não vê a dimensão adicional do irracionalismo que está ligada ao naturalismo capitalista e ao neopositivismo. A emergência dessas posições é consequência de uma crise orgânica que desmantelou as formas consolidadas de expressão das classes dominantes, determinando grande transformação nos fundamentos da capacidade dos grupos dirigentes de produzir consenso. Apenas uma nova hegemonia ou uma contra hegemonia, e não uma simples operação de esclarecimento, pode contrariar esses impulsos. No entanto, a derrota cultural, bem como política, das tendências progressistas não permite ser otimista.

**Palavras-chave:** Pensamento Mágico; Irracionalismo; Neopositivismo; Covid-19; Passe Verde.

## Abstract

The debate on “magical thinking” opened by the 2021 Censis Report and focused on the diffusion of irrational and unscientific themes does not see the additional dimension of irrationalism linked to capitalist naturalism and neopositivism. The emergence of these positions is the consequence of an organic crisis that dismantled the consolidated forms of expression of the dominant classes, determining a great transformation in the foundations of the capacity of the ruling groups to produce consensus. Only a new hegemony or a counter-hegemony, and not a simple operation of clarification, can counteract these impulses. However, the cultural as well as political defeat of progressive trends does not allow one to be optimistic.

**Keywords:** Magical Thinking; Irrationalism; Neopositivism; Covid-19; Green Pass.